

A VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE NA ESCOLA: análise pelo ponto de vista do professor de Educação Física

Mariana Cristina de Oliveira¹
Luiz Antônio Silva Campos²

Resumo

Com a presente pesquisa pretendemos trazer reflexões sobre a possibilidade de integração entre aluno e professor. A metodologia adotada foi buscar em banco de dados na internet em banco de dados virtuais de artigos e opiniões atuais sobre o tema, associando com as questões da atuação do professor de Educação Física. O objetivo é mostrar que a maioria dos casos de agressão e violência migra de casa para a escola, uma vez que crianças e adolescentes refletem no ambiente escolar o que presenciam em casa. Nesse sentido, procuramos destacar a importância das aulas de educação física, e como o professor pode ajudar no controle da agressividade atuando de uma forma pedagogicamente correta, trabalhando com a socialização, disciplina, auto-estima e autocontrole, de forma que auxilie o desenvolvimento pessoal do aluno, bem como motor, intelectual e até mesmo sócio afetivo. Por fim procura solucionar essa problemática juntamente com a mídia, de forma a incentivar a implementação de novas políticas públicas.

Palavras chave: Violência. Agressividade. Educação Física. Intervenção pedagógica.

1. A VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE: A escola agredida

Atualmente notamos que as mídias denunciam insistentemente sobre atos de violência nas escolas, às vezes há violência entre alunos, às vezes há violência contra professores. Um exemplo recente é o caso que aconteceu no Rio de Janeiro, em que um indivíduo entrou em uma comunidade escolar e matou treze alunos para justificar uma crença inexplicável, segundo documento deixado pelo mesmo e divulgado.

Diante desse quadro assustador, ao pesquisar sobre a violência na escola procura denominações e conceitos que explicam o *bullying* ou ainda, a agressão desmedida que nos leva a perceber que os alunos estão cada vez mais “violentos” nas escolas, por diversos fatores, dentre eles, na grande maioria, devido à falta de conscientização dos próprios pais.

Assim, entendemos que estes são as maiores influências para os filhos, que são um retrato de quem os educa e com quem convivem e aprendem, e muitas das vezes acabam

¹ Pós-Graduada em Docência no Ensino Superior pela Assevim. Uberaba, MG. E-mail:

² Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail:

repetindo as mesmas frustrações e opressões que sofreram em casa com os colegas em sala de aula, alguns, até com professores.

A violência no esporte, ao contrário do que se imagina, ocorre com mais frequência fora do contexto do jogo. No jogo poderá até acontecer momentos violentos, porém, sempre há as regras rígidas para o controle efetivo da violência. Segundo Pain et. al. (2008, p. 1) "Atualmente a violência no contexto esportivo vem ganhando constante destaque, com episódios lamentáveis de agressões entre torcedores, com jogadores se agredindo fisicamente dentro de campo, com a presença de preconceitos raciais e de gênero, entre outros, transformando-se em um grave problema social." Essa generalização da violência tem levantado preocupações principalmente no trabalho do professor de Educação Física.

Neste sentido, a violência é hoje uma das principais ansiedades da sociedade, uma vez que atinge a vida e a integridade física das pessoas, e é tida como meio de desenvolvimento humano que tem suas raízes na história e integridade física ou liberdade individual correm perigo a partir da ação de outros segundo Marcelos (2011).

Cabe ressaltar, que a questão da violência vem sendo tratada desde os primórdios da sociedade, e junto com esta, ela tem evoluído, e abrange tanto o lado físico, psíquico e moral. De acordo com o trabalho desenvolvido pelo Instituto Latino Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente (ILANUD) (2007), esse tipo de violência põe em risco a ordem, a motivação, a satisfação e as expectativas não só dos alunos como também dos professores, haja vista que resulta em sérios danos para a escola, o que acaba contribuindo para o insucesso dos propósitos e objetivos da educação, do ensino e do aprendizado.

Os estudos também apontam que é necessário diferenciar violência de agressividade, assim, segundo Marcelos (2011, p. 1):

Para o corpo discente "violência representa agressão física, simbolizada pelo estupro, brigas em família e também a falta de respeito entre as pessoas". Enquanto que para o corpo docente "a violência, enquanto descumprimento das leis e da falta de condições materiais da população, associando a violência à miséria, à exclusão social e ao desrespeito ao cidadão".

A autora ainda destaca que:

[...] A agressividade é o comportamento adaptativo intenso, ou seja, o indivíduo que é vítima de violência constante têm dificuldade de se relacionar com o próximo e de estabelecer limites porque estes às vezes não foram construídos no âmbito familiar. O sujeito agressivo tem atitudes agressivas para se defender e não é tido como violento. (MARCELOS, 2011, p.1).

Portanto agressividade não é sinônimo de violência, porém, pode gerar a violência. Às vezes um indivíduo é agressivo porque precisa de arrojado para executar uma ação qualquer.

No caso de se tornar violento, o faz porque precisa, às vezes, para se defender. Por exemplo, um garoto que sofre *bullying* o tempo todo na escola por qualquer razão que seja em um determinado momento poderá se tornar agressivo e, por razões óbvias, será violento em suas ações de resposta, porém, necessariamente não será um aluno violento que causará danos ao patrimônio e nem dano físico ao próximo que divide o ambiente escolar com ele.

Destarte, vários são os tipos de violência, desde a violência contra o patrimônio da escola (carteiras, janelas, aparelhos eletrônicos), bem como violência doméstica social, psicológica, até mesmo violência física (agressão, propriamente dita).

Para Lopes (2008, p. 1), a agressividade é compreendida como uma forma da criança se defender, porém precisa ser orientada pelos pais desde os primeiros anos para não ser algo que venha a trazer efeitos negativos para o seu desenvolvimento.

No entanto, em alguns casos, esses indivíduos acabam inclusive entrando pra criminalidade, uma vez, que a seu ver, é a única opção que a sociedade lhes oferece, devido à falta de oportunidades, e neste caso, a principal função da escola, é a busca pela ressocialização desses adolescentes, cuja finalidade é a prevenção de possíveis infrações a serem cometidas.

Atitudes agressivas, uso do poder, intimidação de colegas e enfrentamento de professores e funcionários parecem não ter limites. Tudo isto contradiz os propósitos essenciais da escola de educar e socializar, trazendo prejuízos individuais e coletivos, além de instalar um clima de temor e distância entre aqueles que deveriam ser parceiros no processo educativo: o professor e o aluno, pais, enfim, a comunidade escolar (FERNANDES e SOUZA, 2008, p. 1).

A escola, neste contexto, tenta trabalhar juntamente com os pais na educação dessas crianças e adolescentes, de forma que possam auxiliá-los a mostrar qual caminho deve ser seguido. Desta forma, neste ensaio pretendemos analisar e refletir sobre as questões da violência e da agressividade, buscando compreender a dimensão de uma e de outra e anunciar elementos de controle e possíveis soluções para que se evite a manifestação de atos de violência no ambiente escolar, a partir do trabalho de intervenção do professor de Educação Física.

2. VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE: Caminhos para recondução e sociabilidade

Conforme salienta Gallo e Willians (2005), os conhecimentos de fatores de risco ou de amparo influenciam ou resguardam jovens de apresentar comportamentos agressivos, sendo de suma importância à participação do Estado na criação e elaboração de projetos preventivos, de forma que busquem a socialização de tais crianças e adolescentes e,

principalmente, a prevenção do ato infracional, que muitas vezes acontecem e são questões que urgem respostas e esforços.

Algumas crianças demonstram agressividade desde a iniciação escolar, e isto se dá principalmente pela falta de imposição de limites, que deve ser feita pelos próprios pais, e para Lopes (2011), esse tipo de comportamento se inicia a partir dos quatro anos de idade, tais como mordidas, arranhões, tapas, até mesmo gritos e chutes. Ou seja, é a partir deste momento em que limites devem ser impostos para que a criança comece a ter consciência a respeito das regras de convivência.

Nesse sentido, em oposição a essa conduta de desrespeito às regras, no desenvolvimento da aula de Educação Física escolar é propício para desenvolver atitudes adequadas para se relacionar. Esse trabalho é possível ser colocado no plano de ensino na forma de objetivos e conteúdos atitudinais que podem ser trabalhados no exercício das regras esportivas e no exercício da forma de lidar com o corpo do próprio aluno e do seu oponente em uma situação de confronto. Esse trabalho poder ser desenvolvido dentro de uma atividade recreativa, de um jogo simbólico qualquer e em uma atividade de esporte, sobretudo, os esportes coletivos.

Acontece que, na maioria das vezes, a violência dos alunos dentro e fora das escolas, é um reflexo do que vivem no dia a dia na rua e até mesmo dentro de casa, onde se pode constatar que muitos casos de agressão na escola se originam na violência doméstica, ou seja, violência de pais para com os filhos, e até mesmo entre os próprios pais.

Segundo Brancalhona (2004), a violência doméstica está qualificada desde a agressão contra crianças até a agressão entre os próprios pais. No Brasil, as estatísticas sobre o tema são precárias e ainda se fala insuficientemente sobre a questão da violência doméstica. Neste contexto pode-se constatar que embora a mídia esteja sempre divulgando casos de agressões, tanto domésticas quanto no ambiente escolar, bem como a migração da violência doméstica para a escola, pouco tem sido feito para minimizar este problema, uma vez que a falta de informações dificulta a elaboração de novas políticas públicas, que se faz necessárias a cada dia.

Para Maldonado e Williams (2005), a violência contra a criança, muitas vezes, acontece dentro do próprio lar, onde a criança, como parte integrante da família, pode estar exposta à agressão direta - quando ela é o alvo da agressão - ou indireta - quando presencia cenas de violência entre os pais. Podemos constatar essa questão nos dizeres de Brancalhona referendado por vários autores destaca:

[...] muitos fatores interferem no modo pelo qual a criança lida com a experiência de testemunhar a agressão da mãe, e algumas dessas crianças apresentarão problemas de ajustamento. Essa vulnerabilidade resulta de vários fatores, sendo importante considerar que a resposta da criança pode, em parte, resultar do seu temperamento, de sua capacidade intelectual, ou de outras qualidades intraindividuais que são mediadoras do grau de ajustamento a curto e longo prazos. A violência não ocorre isolada, ela é parte de uma constelação de outros fatores reconhecidos por afetarem o desenvolvimento da criança [...]. (BRANCALHONE, 2004, p. 114).

Assim, essas crianças podem apresentar diferentes formas de comportamento, uma vez que estão sujeitas a todos os tipos de violência e agressão, e esse comportamento varia de acordo com o gênero, e tem varias formas de consequências, que surgem a partir da violência, doméstica ou não.

Os episódios de violência são registrados com significativa intensidade, tanto a partir das informações oferecidas por alunos como pelos educadores. Para os alunos os problemas maiores são as discussões, agressões físicas, uso de drogas e ameaças. [...]. Já para os educadores os problemas maiores são as agressões verbais, depredações, ameaças e intimidações. Os profissionais da rede pública apontam com maior frequência os episódios de violência do que seus colegas do ensino particular (MINAYO, 1999, p. 120)

As consequências do comportamento agressivo podem ser graves, por isso é importante que se compreenda a complexidade e o contexto que gira em torno desse comportamento agressivo, o qual é compreendido como um sinalizador da existência de problemas com crianças que se encontram em situação de risco, contribuindo, assim, com dados e informações, de forma a facilitar a elaboração de estratégias de prevenção e atuação na área. (MALDONADO E WILLIAMS 2005).

As autoras ainda destacam que há vários fatores que levam as ações violentas por parte de crianças e jovens, dentre eles pode se destacar: a pobreza em excesso, os problemas de saúde, o consumo de álcool e drogas exagerado, o nível de escolaridade; a isso tudo some-se que a estrutura do aspecto das relações sociais onde essas famílias sobrevivem é desestruturada. Destacam também, que embora existam esses fatores negativos, os mesmos não devem ser únicos na justificativa de geração da violência.

Assim, verifica-se que não somente o convívio num ambiente agressivo (em casa ou na escola) é suficiente para tornar um individuo violento e agressivo, uma vez que se trata da junção de vários outros fatores que influenciam essas crianças e adolescentes a terem comportamentos agressivos e estarem sujeitos a se tornar futuros agressores.

Porém, cabe uma severa crítica sobre as questões de políticas públicas, pois, nossos representantes eleitos sejam para o legislativo quanto para o executivo, nas esferas, municipal, estadual ou federal, às vezes, demonstram outro tipo de violência muito mais agressiva que

propriamente a violência física que nos incomoda tanto. Roubam, não cumprem com os princípios defendidos antes do voto, enganam a Lei, com medidas corruptas que sempre trazem benefícios para o corrupto ou, ainda, benefícios para o "corporativismo" criado nessa estrutura de poder. Para que aja efetivamente a consolidação de políticas públicas voltadas para dismantelar qualquer onda de violência é necessário, primeiramente, a nosso ver, a aplicação efetiva da Lei em qualquer instância da estrutura da justiça. Entendemos que a aplicação efetiva da Lei é pode ser uma metodologia educacional positiva para o encaminhamento de outras ações contra violência e a agressividade.

Na escola a abordagem de ensino adotada pelo professor de Educação Física deve ser o mais interativo possível, considerando que um fator muito interessante é positivo para a metodologia de ensino do professor, é o fato de que há uma proximidade maior entre professor de Educação Física e aluno, diferentemente do professor que ministra as aulas em sala de aula. O espaço pedagógico da "quadra de aula" possibilita essa maior aproximação e ao mesmo tempo abre-se uma maior interação no diálogo, assim, conversar com o aluno e orientá-lo para as questões da vida é fácil e efetiva o trabalho de objetivos e conteúdos atitudinais propostos nas aulas.

3. ALUNO, PROFESSOR, ESCOLA, SOCIEDADE E ESTADO: a união "deveria" fazer a força

Muito se vê que a mídia divulga casos e casos de violências e agressões sofridas dentro e fora das escolas, mas pouco se fala em medidas para minimizar esta questão, onde se verifica que há uma ausência por parte da política na elaboração de programas que também auxilie para a erradicação dessa violência sofrida. No trabalho de Silva (2011, p. 3) a autora entendendo que "[...] contradições que perpassam o conjunto da sociedade se manifestam e se refletem no interior da escola, traz a seguinte denuncia:

O que nos parece bastante grave, além da violência em si, é o fato de que as várias formas de violência, produzidas no cotidiano da sociedade, parecem não mais indignar a população brasileira. É como se ela fosse "aceita" por todos, a ponto de a população conviver com esta realidade sem maiores traumas, ou seja, a própria vida parece não ter maior significado, chegando a ser banalizada. Matar ou morrer não faz maior diferença. (SILVA, 2011, p. 3).

Deste modo, entendemos que possivelmente de nada adianta somente a escola atuar no controle e diminuição da violência, uma vez que a sociedade pouco se importa com as condições em que se encontram esses indivíduos, tanto as vítimas quanto os próprios

agressores. Vejamos o que dizem as estatísticas em relação a unidade escolar que acolhe a comunidade escolar:

Estudo recente, igualmente realizado pelo Laboratório de Psicologia do Trabalho em parceria com a CNTE, buscou examinar as relações entre a qualidade do ensino e a escola, compreendendo aspectos que dizem respeito à vida dos alunos que freqüentam o ensino médio e fundamental no Brasil, na rede pública e privada. O registro de violência (grave e não grave) atingindo alunos, professores e funcionários foi bastante diferenciado entre as duas redes e quanto ao nível do ensino: para a 4ª série na rede pública a freqüência foi de 14,5%, e na particular, 2,4%; nas oitavas séries os índices são mais altos sobretudo na rede pública, alcançando 24,3%, e nas escolas particulares, 2,6%; na 3ª série do ensino médio as escolas públicas registram 23,1% de ocorrências e as privadas apenas 3,2%. Os registros de depredações, furtos e roubos (grave e sem gravidade) também indicam maior intensidade nas escolas públicas, nas 4as séries compreendem 26,4% das repostas no ensino público, e 7,8% no particular, nas 8as, 37,4% e 7,3% e nas terceiras, 39,7% e 8,7% respectivamente. (GONÇALVES, SPOSITO, 2002, p. 105).

A escola pública, nesse quesito, vive um sacrifício maior e, nesse momento o corpo docente e administrativo da escola fica refém da situação, conseqüentemente da violência gerada pelos alunos dessa escola. Na aula de Educação Física, principalmente se o professor trabalhar de forma interdisciplinar há grandes possibilidades de discussão, aberta e franca, sobre a violência e, inclusive, tendo por conteúdo de ensino "as lutas" (artes marciais e esportes de combate) é possível, também, um exercício prático de controle da violência.

Para Gonçalves e Sposito (2002), as políticas públicas de redução da violência em meio escolar têm se originado, sobretudo, na esfera estadual e municipal, e apesar de expressarem iniciativas muitas vezes fragmentadas e descontínuas, já existe um considerável acúmulo de experiências dessas políticas que demandam estudos sistemáticos para avaliar sua eficácia e proporcionar elementos para a formulação de novas orientações.

Em Uberaba-MG, podemos citar como exemplo de iniciativa pública o Projeto de Escola de Tempo Integral (PROETI) (UBERABA-MG, 2011), integrado como o Programa do Ministério do Esporte o Segundo Tempo e em parceria com a Secretaria de Educação e Cultura, de Esporte e lazer, da Saúde e Desenvolvimento Social, da Prefeitura local, são disponibilizados espaços que proporcionem o desenvolvimento integral e a interação da comunidade estudantil por meio da realização de experiências inovadoras na área do esporte e lazer, possibilitando a melhoria da qualidade de vida e a inclusão social, e atende crianças e adolescentes das escolas públicas da cidade principalmente as que estão em situação de vulnerabilidade e risco social. Dentre as práticas de atividades físicas e esportivas, as lutas têm um grande número de alunos, praticantes e competidores que exercitam plenamente o controle da violência.

De uma forma mais abrangente a Polícia Militar de Minas Gerais desenvolve o Programa Educacional de resistência às drogas e à violência (PROERD), cuja finalidade é a prevenção do uso de drogas e o combate a violência entre jovens. Esse Programa é desenvolvido nas escolas públicas e particulares, integrado as atividades escolares e as disciplinas do currículo escolar, dentre essas disciplinas, a Educação Física Escolar. Diferentemente do PROETI, o PROERD também trabalha com crianças e adolescentes de no qual atuam os próprios militares ministrando aulas, ensinando as crianças e adolescentes como reforçar a autoestima, lidar com as tensões, resistir às pressões do ambiente, além de aprimorar o espírito de cidadania.

Assim, podemos perceber que embora de uma forma mais remota e discreta, já existem programas e políticas do governo que auxiliam de alguma forma para o controle e diminuição da violência, tanto no meio escolar quanto no ambiente familiar. No entanto, ainda há muito que se fazer em prol dessas crianças e adolescentes, de forma que sejam trabalhados para com elas aspectos essenciais de educação, socialização, promoção da cidadania, e até mesmo desenvolvimento pessoal.

Para que esta ideia se concretize, é necessária uma ação conjunta entre pais, professores, alunos, enfim, toda a sociedade para que, da melhor forma possível, todos consigamos viver em harmonia num ambiente livre de violência, seja verbal ou física.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do pressuposto de que na maioria dos casos, as agressões realizadas dentro das escolas, são meras aplicações do que essas crianças e adolescentes presenciam em casa, seja violência e agressão entre os pais, seja para com elas, ou até mesmo entre elas, fica cada vez mais o relacionamento ente professor, pais, alunos, enfim, com a unidade escolar de modo geral.

Do mesmo modo, a atuação do professor de Educação Física pode auxiliar essas crianças e adolescentes de maneira que eles deixem de escravizados pelas próprias condições a que são expostos, buscado a sua integração não somente no ambiente escolar, como também em toda a comunidade em geral. Porém, como percebemos há políticas públicas desenvolvidas para esse fim e que tem como foco o esporte e as atividades físicas e recreativas. Cabe aqui também uma denuncia: o professor de Educação Física, em muitos casos, é um mero técnico na atividade proposta; aplica o exercício, seja este de cunho, conceitual, procedimental e mesmo atitudinal, com fim nele mesmo; não busca a relação

interdisciplinar para debelar essa questão da violência. Por outro lado, a escola também, de modo geral, não se dedica à questão, porque, persiste a idéia que o ensino deve se ficar restrito somente ao conhecimento acumulado, porém, sabemos que a escola atualmente mudou muito sua abordagem de ensino, deixando de lado aquele ensino "enciclopédico" para adotar uma abordagem com enfoque mais psicológico e sócio-cultural. Evidentemente a escola não deve deixar de trabalhar os "conhecimentos acumulados na humanidade", porém, muitos desses conhecimentos têm que ser colocados em práticas, principalmente aqueles que dizem respeito às relações entre as pessoas, pois, é nesse contexto de relações que a violência se instala como um vírus. A aula de Educação Física é um espaço de relações sociais e diferentemente da sala de aula, as relações são, em vários momentos, físicas.

Sendo assim, podemos perceber, pelos estudos analisados, que os pais estão ausentes na educação dos filhos. Deixam de lado uma grande responsabilidade humana e buscam outras "atrações" para preencher suas vidas no alcoolismo, nas drogas, na prostituição e até mesmo na própria violência e agressão no seio familiar, o que causa o afastamento entre pais e filhos. Esses maus exemplos são assimilados pelos filhos e a escola, parte da vida da criança e do adolescente, é o ambiente que expressam esses ensinamentos vivenciados. Depredam, roubam, agredem, subjagam os mais fracos, enfim, desestabilizam o ambiente escolar.

Concluimos que todas as disciplinas que compõem o currículo formador da criança e do adolescente são importantes, porém, as categorias e os graus de importância, na maioria delas, estão na questão pura do conhecimento. Há algumas disciplinas como filosofia, sociologia, biologia e a Educação Física, principalmente, que são *locus* pedagógicos importantes para o exercício de atitudes morais e éticas, considerando que nos conteúdos e nos objetivos, os aspectos, afetivos e motores são mais requisitados.

5 REFERÊNCIAS

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SPOSITO, Marília Pontes. Iniciativas Públicas de redução da violência escolar no Brasil. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/0D/cp/n115/a04n115.pdf>>. Acesso em: 27/06/2011

BRANCALHONE, Patrícia Georgia. **Crianças Expostas à Violência Conjugal: Avaliação do Desempenho Acadêmico.** Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa 2004, Vol. 20 n. 2, pp. 113-117.

FERNANDES. Christiane D'Angelo; SOUZA. Maria Fernanda. **Na escola: como lidar com comportamentos agressivos?** Portal promenino. Publicado em: 2008. Disponível em: <<http://www.promenino.org.br/TabId/77/ConteudoId/496e4d57-99b3-4f54-8b17-9f9ce14a2b3e/Default.aspx>>. Acesso em: 03/06/2011

GALLO, Alex Eduardo; WILLIAMS, Lucia Cavalcanti de Albuquerque. Adolescentes em conflito com a lei: uma revisão dos fatores de risco para a conduta infracional. In: **Revista Psicologia: Teoria e Prática** – 2005, volume 7, p. 81-95. 2005. Disponível em: <<http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/ptp/article/viewFile/1028/745>> Acesso em: 13/06/2011.

GONCALVES, Luiz Alberto Oliveira and SPOSITO, Marília Pontes. **Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil**. *Cad. Pesqui.* [online]. 2002, n.115, pp. 101-138. ISSN 0100-1574. CODO, W.; MENEZES, I. As Relações entre a escola, a vida e a qualidade de ensino [Relatório técnico]. Brasília: CNTE, 2001.

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DAS NAÇÕES UNIDAS (ILANUD). O impacto da violência sobre. (apostila Programa de Segurança Humana Crianças e Jovens) Rio de Janeiro: Caravana Comunidade Segura, 2007. Disponível em: <<http://www.ilanud.org.br/biblioteca/publicacoes-diversas/>> Acesso em: 22/07/2011.

LOPES, Patrícia. **Agressividade na escola**. **Brasil Escola**, 2011. 2011. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/comportamento/agressividade-na-escola.htm>> Acesso em: 15/06/2011.

MALDONADO, Daniela Patricia A do; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. In: **Revista Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 10, n. 3, p. 353-362, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a02.pdf>>. Acesso em: 13/06/2011.

MARCELOS, Viviane Avelino. **A violência na escola**. **Brasil Escola**. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/sociologia/violencia-escolar.htm>>. Publicado em 2011. Acesso em: 17/06/2011

BRASILMINAS GERAIS, Polícia Militar de Minas Gerais. PROERD. 9º Batalhão da Polícia Militar. Disponível em: <<https://www.policiamilitar.mg.gov.br/portal-pm/9bpm/conteudo.action?conteudo=325&tipoConteudo=itemMenu>>. Acesso em: 23/05/2011

MINAYO, M. C. de S. et al. **Fala galera. Juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

PAIM, M. C. C. et. al. A representação social da violência de gênero no contexto esportivo: um olhar a partir de atletas de futsal. In: *Revista Digital - Buenos Aires - Año 13 - N° 121 - Junio de 2008*. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd121/violencia-de-genero-no-contexto-esportivo.htm>. Acesso em: 22/07/2011

SILVIA, Aída Maria Monteiro. **A Violência na Escola: A Percepção dos Alunos e Professores**. 2010. Natal: REDE BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS Disponível em: <www.dhnet.org.br/educar/redeedh/bib/aida2.htm>. Acesso em: 27/06/2011

BRASILUBERABA-MG, Secretaria Municipal de Esporte e Lazer, Prefeitura de Uberaba, 2011. Disponível em: <<http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,750>>. Acesso em: 23/05/2011.